

# Mercado espera leilão de conversão

por Getulio Bittencourt  
de Nova York

Os "deposit facility agreement" (DFA) do Banco Central do Brasil tiveram uma queda mais acentuada no início da semana passada, tateando os 32 centavos de dólar, com o maior desconto de sua história, ao redor de 68%. Mas subiu ligeiramente ontem, em média por um centavo.

"Não é que a cotação se esteja fortalecendo", explicou a este jornal um operador de um dos grandes bancos credores do País. "Algum operador andou comprando títulos para cobrir posições. De um modo geral, o mercado está praticamente parado", acrescentou.

Agora que o carnaval passou, "operadores da dívida dos países menos desenvolvidos no mercado secundário estão esperando a confirmação do próximo leilão de conversão por investimentos no Brasil", afirma nesta semana a Newsletter, especializada LDC Debt Report, do grupo canadense Thomson.

As cotações para outros países também não mostram alterações significativas. A Argentina tinha seus títulos cotados ontem a 18,5 centavos na venda, na mesa do Morgan Guaranty Trust, vindo de 19 centavos por dólar na segunda-feira. O México estacionou em 37,5 centavos há algum tempo.

Apenas o Chile mantém-se estável em torno de 60 centavos por dólar depois do Plano Verão no Brasil. O Chile é um caso curioso por se tratar de um país que tem recomprado seus débitos externos, usando suas próprias reservas.

A recompra de dívida financiada pelos próprios devedores em tese não deveria aumentar o valor de mercado do débito remanescente, de acordo com um estudo de Michael Doolley, chefe da divisão de ajuste externo do departamento de pesquisas do Fundo Monetário Internacional (FMI), publicado no último número da revista de estudos teóricos da instituição, Staff Papers.

"Recompra de dívida externa financiada pelas vendas de títulos do país devedor geralmente não aumenta o valor de mercado do débito remanescente desse país", sustenta Doolley. Ele entende que as vendas desse novo título poderiam até mesmo reduzir o valor de mercado da dívida remanescente.

A estabilidade de preços, no caso chileno, se explicaria primeiro porque o governo militar tem recomprado dívida com reservas e não com a emissão de um novo título.